

**DE POVO DA CANOA À POVO DA ESTRADA: O PROCESSO DE
EXPROPRIAÇÃO E MIGRAÇÃO DOS WARAO DA AMAZÔNIA
VENEZUELANA ATÉ A AMAZÔNIA ACREANA (BR)¹**

**FROM CANOE PEOPLE TO ROAD PEOPLE: THE PROCESS OF
EXPROPRIATION AND MIGRATION OF THE WARAO FROM THE
VENEZUELAN AMAZON TO THE ACREANA AMAZON (BR)**

**DE PUEBLO DE LA CANOA AL PUEBLO DE LA CARRETERA: EL
PROCESO DE EXPROPIACIÓN Y MIGRACIÓN DE LOS WARAO DE
LA AMAZONIA VENEZOLANA A LA AMAZONÍA ACREANA (BR)**

Dival Vieira de Araújo Neto²
divalnetto@hotmail.com

José Alves³
bairral@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo compreender o processo de expropriação que forçou os Warao a migrarem na Venezuela, no século XX e para o Brasil, no século XXI e assim transformaram no Povo da Estrada e como esse elemento se tornou uma ferramenta de (r)existência em suas migrações. A metodologia foi guiada na fundamentação teórica da Geografia do Trabalho, possuindo uma abordagem qualitativa. Os procedimentos incorporam a pesquisa bibliográfica e documental de instituições públicas e da sociedade civil. Além disso, houve a execução de trabalho de campo para coleta de entrevistas e o mapeamento das rotas. As reflexões do artigo apontam que a migração dos indígenas venezuelanos Warao tem associação com os processos históricos, nos quais houve interferências externas que ocasionou a mobilidades e as estratégias de sobrevivência nos diversos locais, sejam internamente na Venezuela ou em outro país, como o Brasil.

Palavras-chave: Warao; Migração; Acre.

Abstract: This article aims to understand the process of expropriation that forced the Warao to migrate to Venezuela in the 20th century and to Brazil in the 21st century and thus transform them into the people of the road and how this element became a tool of (r)existence in the migration. The methodology was guided by the theoretical foundation of Work Geography, with a qualitative approach. The procedures incorporate bibliographic and documentary research from public

¹ Este artigo é resultado das reflexões desenvolvidas na dissertação de Mestrado defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia da Universidade Federal do Acre (PPGeo/UFAC).

² Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Acre. Membro do Ceget.

³ Docente dos cursos de graduação e Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Acre.

institutions and civil society. In addition, fieldwork was carried out to collect interviews and map routes. Therefore, the reflections of the investigation point out that the migration of the Venezuelan Warao indigenous people is associated with historical processes, in which there were external interferences that caused mobility and survival strategies in different locations, whether internally in Venezuela or Brazil.

Keywords: Warao; Migration; Acre.

Resumen: Este artículo pretende comprender el proceso de expropiación que obligó a los warao a migrar a Venezuela en el siglo XX y a Brasil en el siglo XXI para transformarlos en pueblo del camino y cómo este elemento se convirtió en una herramienta de (r)existencia. en la migración. La metodología estuvo guiada por los fundamentos teóricos de la Geografía del Trabajo, con un enfoque cualitativo. Los procedimientos incorporan investigaciones bibliográficas y documentales de instituciones públicas y de la sociedad civil. Además, se realizó trabajo de campo para recolectar entrevistas y mapear rutas. Por lo tanto, las reflexiones de la investigación señalan que la migración del pueblo indígena Warao venezolano está asociada a procesos históricos, en los cuales hubo injerencias externas que provocaron movilidad y estrategias de supervivencia en diferentes localidades, ya sea internamente en Venezuela o Brasil.

Palabras clave: Warao; Migración; Acre.

INTRODUÇÃO

Os povos originários enfrentaram, há séculos, processos de expropriação de suas terras e culturas. Na atual Venezuela, os Warao sofreram intensamente com a chegada da colonização espanhola, que impactou profundamente seus territórios, devido à localização específica de seus assentamentos na costa do país — região estratégica para os navegadores que iniciaram a exploração —, os Warao foram submetidos rapidamente a esse processo e transformados em força de trabalho para os colonizadores, sentindo de forma imediata os efeitos devastadores da invasão europeia.

Mesmo com a instauração da república, os Warao continuaram sendo expropriados de seu territórios, só que por novos atores, e assim temos o recorte espacial para o século XX, pois é muito importante para discutir o(s) processo(s) de expropriação gerado para os Warao, onde seus territórios originários foram alterados, que propiciou mudanças no seu modo de vida, desde laboral, como também as próprias mobilidades espaciais, que foram se transformando conforme as dificuldades financeiras encontradas e na qual as estradas e as vivências nas cidades possuem maiores laços em função desse processo de desterritorialização e com a crise humanitária no século XXI, são forçados a ultrapassar a linha internacional e assim chegam no Brasil, através de Roraima.

O enfoque do artigo é abordar o processo de expropriação gerado por diversos atores que forçaram os indígenas Warao a saírem dos seus territórios para os núcleos urbanos da

Venezuela e a migração transfronteiriça para o Brasil. Desse modo, o objetivo do artigo é compreender o processo de expropriação que forçou os Warao a migrarem internamente na Venezuela no século XX e para o Brasil no século XXI que assim transformaram no Povo da Estrada e como esse elemento se tornou uma ferramenta de (r)existência em suas migrações, bem como, analisar a migração da Amazônia venezuelana até a Amazônia acreana.

A presente pesquisa se construiu a partir de uma abordagem qualitativa, tendo como base teórica a Geografia do Trabalho. Os procedimentos incorporam a pesquisa bibliográfica e documental de instituições públicas e da sociedade civil. Além disso, houve a execução de trabalho de campo para coleta de entrevistas com os indígenas Warao e servidores que estiveram no apoio direto ou indireto e o mapeamento das rotas na Venezuela e Brasil.

A estrutura do texto está definida em três partes: a primeira versa sobre o histórico de expropriação dos Warao que forçou a migração dos territórios originários para os centros urbanos na Venezuela; a segunda focaliza sobre as mobilidades Warao e a inserção das rodovias como ferramenta de movimento espacial e o terceiro versa a migração Warao para o Brasil e o processo de (r)existência no território acreano.

OS WARAO E O HISTÓRICO DE INTERVENÇÕES NOS SEUS TERRITÓRIOS DE ORIGEM

Os indígenas Warao são considerado o povo mais antigo da Venezuela, pois “[...], estimándose su presencia en su hábitat ancestral, el Delta del Orinoco, desde hace unos 8.000 o 9.000 años”. (García-Castro, 2006, p. 43). Dessa forma, as intervenções externas no seu território partem desde a colonização europeia, pois, com a “[...] chegada dos espanhóis à região caribenha, os Warao já ocupavam todo o território do delta do Rio Orinoco” (Brasil/MPF, 2017, p. 8).

Etayo (2013) afirma que os Warao se autodenominam “povo da canoa” e suas atividades econômicas estão relacionadas a trabalhos de origem primária como a agricultura, pesca e a retiradas de matérias primas como a madeira e buriti. E foi esse cenário que os colonizadores encontraram na atual Venezuela, pois “la llegada de los españoles a América este pueblo se encontraba aún en la fase de economía de apropiación, aunque existen evidencias de una incipiente agricultura. Su economía estaba basada principalmente en la pesca y la recolección especializada. (Etayo, 2013, p. 12).⁴

⁴ O etnônimo Warao com o qual esta cidade se autodenomina significa 'gente da canoa' ou 'gente do baixio'. Quando os espanhóis chegaram à América, esta cidade ainda estava em fase de apropriação econômica, embora haja indícios

García-Castro (2006) também aborda a origem do Povo Warao, o significado e a sua relação histórica com seu habitat de serem o “Povo da Canoa” e que a sua subsistência está relacionada com as águas, pois “su cultura y su existencia, como pescadores y recolectores, habitantes de marismas y humedales originan su nombre (Waha = ‘Marisma’ y Arao = ‘Habitante’) y están ligadas permanentemente a este gran río, hasta en el nombre: pues Orinoco se deriva de Wirinoko: Wiri = ‘Donde remamos’ y Noko = ‘Lugar’. (García-Castro, 2006, p. 43).

O Ministério Público de Roraima (2017), também aborda sobre o contato dos colonizadores com os Warao e a sua relação com as águas e a canoa como referência de territorialidade, pois, “[...] Uma das primeiras referências históricas de contato com os Warao é do próprio navegador Cristóvão Colombo, sendo que ele descreve esse encontro com os Warao em uma canoa muito bem construída, em 1498”. (Brasil/MPF, 2017, p. 8).

Todavia, quando a Venezuela consegue a sua independência, os interesses nos seus territórios continuam por causa das riquezas naturais que a região possui. Assim são realizadas intervenções, que posteriormente forçam a mobilidade para as cidades venezuelanas, onde precisam se adaptar ao local e “Trata-se, portanto, de um processo de mudança social e cultural decorrente de relações de poder e de dinâmicas políticas e territoriais”. (Rosa, 2020, p. 74).

Outro ponto importante para a reflexão de sua presença em território nacional, refere-se a questão populacional, pois segundo dados do Censo venezuelano de 2011⁵, o Povo Warao é a segunda maior população indígena deste país, com 48.771 pessoas, deste total, 24.848 eram homens e 23.923 mulheres (Venezuela, 2011).

Essa população se localiza ao longo da bacia do rio Orinoco majormente no bioma amazônico, sendo o destaque para Delta Amacuro, o estado mais povoado pelos Warao, com 40.280 pessoas, ou 86,2%; seguido Monagas, com 6.588 ou 13,5%, após por Bolívar com 850 ou 1,7%, e Sucre com 727, ou 1,5%. (Venezuela, 2011).

Já sobre o histórico de intervenção nos territórios originários, temos quatro momentos históricos que são considerados por muitos estudiosos como impactantes na vida dessas pessoas, pois gerou a migração considerada forçada para os centros urbanos.

Assim, temos destaque para os seguintes pontos: 1) plantações Ocumo Chino; 2) Barragem no rio Manano (Afluente do rio Orinoco); 3) e a exploração petrolífera, que esses dois últimos são considerados projetos governamentais para gerar “desenvolvimento” no período, principalmente do pacto *Punto Fijo* (1958-1998). Já no chavismo, a partir de 1999, continua,

de uma agricultura incipiente. Sua economia baseava-se principalmente na pesca e na coleta especializada. (Etayo, 2013, p. 12). (Tradução Livre)

⁵ O censo de 2011 é o último censo oficial da Venezuela.

principalmente, com a exploração petrolífera; outro momento foi a 4) Epidemia de Cólera no início dos anos de 1990, que levou a morte de muitos Warao.

O primeiro “evento” foi o cultivo de Ocumo chino “(*Colocasia esculenta*) que é uma variedade de tubérculo, que passou a compor a dieta do grupo a partir da década de 1920 por influência dos missionários católicos, substituindo parcialmente o consumo de *yuruma*, a fécula do buriti” (Rosa, 2020, p. 24). Para os Warao foi muito prejudicial essa substituição de cultivo, pois os locais foram tomados pelos não indígenas, e assim gerou-se uma escassez de alimentos nos territórios originários e, deste modo, iniciou o êxodo para outras regiões do delta e/ou para os núcleos urbanos da Venezuela.

Heinen e Gomez (1996) abordam que o buriti (*Mauritia flexuosa*) é abundante no Delta e é essencial para cultura dos Warao, pois é utilizado de muitas maneiras, desde matéria-prima para vários tipos de alimentos, como por exemplo a farinha, além de fornecer material para o artesanato, que é outra estratégia de obtenção de seu “ganha-pão”.

Todavia, foi a partir dessa situação de substituição dos buritizais que uma parcela da população Warao ingressou no trabalho assalariado, tendo que sair de seus territórios originários e servir de mão-de-obra em indústrias alimentícia. Entretanto, algumas fábricas fecharam e a mobilidade continuava para outros locais devido à escassez de alimentos que encontraram.

No caso da construção do dique/barragem no rio Manamo, na década de 1960, era parte do projeto de desenvolvimento nacional, no qual, o governo venezuelano tinha o objetivo de fomentar a agricultura do estado de Delta Amacuro para se tornar “el principal abastecedor de agroalimentos para la Guayana venezolana, entonces en franco proceso de crecimiento industrial y demográfico” (Garcia-Castro; Heinen, 1999, p. 3)⁶. Além disso, previa ligar a capital Tucupita (capital do Estado de Delta Amacuro) e o projeto foi executado pela Corporación Venezolana de Guayana (CVG).

Gassón e Heinen (2012) abordam que a construção da barragem afetou os trabalhos dos Warao, pois as plantações foram afetadas, já que alterou toda a dinâmica do rio Manamo, onde gerou danos ao solo e assim as plantações foram extintas. Isso afetou os Warao que trabalhavam com a pesca, pois tiveram que migrar para outros locais ou mudar seu estilo tradicional e trabalhar com a pecuária e outras atividades que não eram comuns para eles.

Já no acontecimento da exploração petrolífera, temos que ressaltar que o país é líder mundial quando o assunto é reservas de petróleo e a partir da lógica capitalista, a exploração é

⁶ O principal fornecedor de agroalimentar para a Guayana venezolana, então em claro processo de crescimento industrial e demográfico. (Garcia-Castro; Heinen, 1999, p. 3). (Tradução nossa).

uma consequência, pois a Venezuela é muito dependente dessas *commodities*. Assim, na década de 1990 foram implantados novos empreendimentos na região, que posteriormente, contribuiria para a geração de novas migrações indígenas.

Rosa (2020) aborda que a cidade de Pedernales, no estado de Delta Amacuro, foi o local dos empreendimentos. “No estado de Delta Amacuro, atualmente, a atividade petrolífera se concentra no município de Pedernales, local cuja maioria da população é composta por indígenas Warao. [...] (Rosa, 2020, p. 83). E levando em consideração que Pedernales é a segunda maior cidade de Delta Amacuro com densidade de população Warao, consequentemente, sentiram os efeitos da exploração petrolífera.

Outro impacto na década de 1990 foi a epidemia Cólera, mais precisamente entre 1991 e 1992, “[...] una epidemia de cólera en Venezuela dejó un saldo de alrededor de 500 muertos entre la población Warao” (Ayala Lafée-Wilbert; Wilbert, 2008, p. 89), sendo que várias áreas foram praticamente dizimadas, pois “Não havia clínicas, missões ou escolas, nem escritórios de governo, nem comércios quando a epidemia começou. Tampouco havia médicos disponíveis para tratar os pacientes ou para explicar o que estava acontecendo” (Briggs; Mantini-Briggs, 2004 *Apud* Rosa, 2020, p. 86).

Portanto, todos esses processos geraram a migração para os núcleos urbanos venezuelanos, onde os Warao tiveram que se adaptar as novas realidades, pois, a cada ciclo do processo de expropriação e as estratégias foram se modificando. Mesmo essas táticas, os impactos sociais eram inevitáveis, desde as doenças como a epidemia de cólera, como trabalhos que não executavam anteriormente.

MIGRAÇÃO E AS ROTAS DOS WARAO NA VENEZUELA

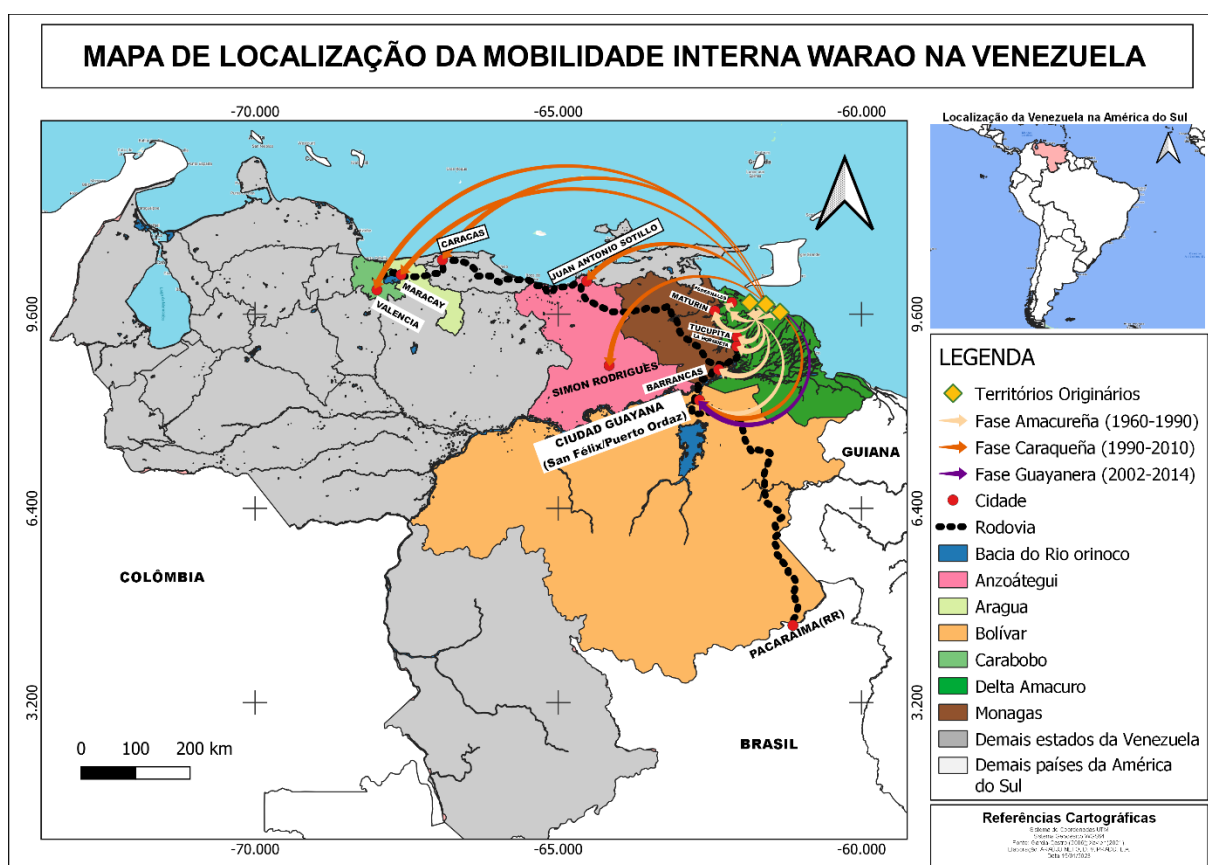
A “migração é componente do processo de expropriação, desenraizamento e proletarianização”. (Martins, 1997, p. 45). Dessa maneira, a migração dos indígenas Warao para as cidades, esteve estritamente relacionada com o encadeamento de expropriação, pois ocorreu o processo de desterritorialização onde os Warao tiveram que mudar o seu modo de vida e inserir no modelo de sociedade não indígena.

Segundo Garcia-Castro (2000) e Xavier (2021), a migração Warao na Venezuela teve três grandes fluxos, iniciando as mobilidades espaciais, saindo dos territórios originários com destino para as cidades do Delta Amacuro e estados vizinhos como Bolívar e Monagas, e essas cidades estão localizadas ao longo da bacia do rio Orinoco. O segundo momento, que é considerado o mais longínquo, saindo das cidades de Delta Amacuro com destino a capital do país,

Caracas. Assim, tendo como exemplo a saída da capital Tucupita (Delta Amacuro) até o Distrito Federal, possui a distância de 720 km. Já o terceiro momento é o deslocamento do estado de Delta Amacuro para o estado de Bolívar, mais precisamente para a cidade de Guayana, que está localizada na bacia do rio Orinoco, sendo que o estado de Bolívar possui fronteira com o Brasil e se tornou o local da mobilidade transfronteiriça dos Warao no século XXI.

Temos no mapa 01 a espacialização da mobilidade interna na Venezuela até 2014, ano do primeiro registro oficial de presença Warao em território brasileiro.

Mapa 01: Mobilidade interna Warao na Venezuela



Fonte: org. pelos autores (2023)

Conforme analisamos no mapa 01, e como é abordado por Xavier (2021), as mobilidades internas realizadas pelos Warao possuíram características semelhantes, como a desterritorialização temporária, como também sendo através de caminhadas e a readaptação da forma de subsistência nas cidades. Entretanto, na fase amacureñas, anos de 1960, estavam se

adaptando aos “novos” tipos de trabalho *criollos*⁷, e quando chegam em Caracas, a coleta já estava sendo realizada; e na fase guayanera, já estavam consolidada e assim chegam ao Brasil, tendo a coleta como uma das principais estratégias de sobrevivências nas cidades.

Garcia-Castro (2006) aborda que a migração Warao para os centros urbanos de Delta Amacuro ocorreu por conta das barragens do rio Manamo nos anos de 1960, e que os indígenas estavam vivendo nas periferias das cidades de Delta Amacuro. Segundo o autor:

Esto originó emigraciones masivas de los indígenas hacia los centros urbanos de la periferia, como La Horqueta, Pedernales, Tucupita, Barrancas y Puerto Ordaz. Aunque con el paso del tiempo la situación llegó a estabilizarse nuevamente, a partir de ese momento ya no se interrumpiría el movimiento migratorio masivo hacia los centros poblados criollos de la periferia deltana. (García-Castro, 2006, p. 4).⁸

Ainda segundo Garcia-Castro (2006), “La presencia indígena, desde entonces, ha sido una constante en las ciudades de la Guayana, el Oriente de Venezuela y hasta la capital de la república, documentada al menos desde la década de 1970”. (García-Castro, 2006, p. 4).

Belik (2022) aborda que após essa obra no Caño Manamo e os impactos ambientais e sociais em suas terras de origem, o governo da Venezuela tenta “frear” a mobilidade do Warao para as cidades, tentando repatriá-los após executar esse projeto que prejudicou muito os territórios originários, porém, sem sucesso, os Warao seguiam para diversos centros urbanos, pois “os Warao sempre voltavam em algumas semanas e passaram a ocupar permanentemente as cidades de Maturín, El Tigre, Puerto La Cruz, Barrancas del Orinoco, Maracay, Tucupita, La Horqueta, San Félix e Puerto Ordaz”. (Belik, 2022, p. 119-120).

Ayla Lafée-Wilbert e Wilbert (2008) aborda que por causa do grande quantitativo de indígenas Warao nas cidades venezuelanas, o governo federal criou na década de 1980 a “casa indígena” com o objetivo de retirar os indígenas dos núcleos urbanos e instalar no abrigo, que possuía o caráter de provisório, todavia, não obteve tanto êxito.

Garcia-Castro (2000) argumenta que os deslocamentos para as cidades eram para os locais onde possuíam maior quantitativo de trabalho, entretanto, para conseguir um trabalho

⁷ “Na Venezuela, *criollo* é toda pessoa que não seja indígena, porém, em alguns momentos os Warao também empregam o termo para se referirem a qualquer indivíduo não pertencente à etnia, seja brasileiro ou de outra nacionalidade”. (Rosa, 2020, p. 27).

⁸ A partir da década de 1960, um desastre ecológico de imensas proporções, o fechamento do canal de Manamo, alterou drasticamente metade de seu habitat natural, produzindo uma diminuição da pesca e alterações edáficas que transformaram as terras agrícolas em terrenos baldios. Isso originou emigrações massivas de indígenas para os centros urbanos da periferia, como La Horqueta, Pedernales, Tucupita, Barrancas e Puerto Ordaz. Embora com o passar do tempo a situação tenha se estabilizado novamente, a partir desse momento o movimento migratório maciço em direção aos centros populacionais crioulos da periferia do delta não seria mais interrompido. (Garcia-Castro, 2006, p. 4). (Tradução Livre)

“*criollo*”, seria necessário dominar o Espanhol e possuir uma certa qualificação técnica mínima. Caso não possuísse esses requisitos mínimos, somente restava a mendicância ou a prostituição.

Garcia-Castro aborda o perfil do migrante Warao na capital Caracas, sendo oriundos do estado de Delta Amacuro e que possui histórico de trabalhos com o buriti, horticultura, e não tendo outras opções de trabalho vão para periferia *caraqueña*. Assim exercem a mendicância para sobreviver no meio urbano.

Belik (2022) aborda sobre o processo de industrialização que ocorreu em terras tradicionais dos Warao na fase “Caraqueña”, o que também fortaleceu o processo de expropriação dos indígenas. Segundo o autor:

Enquanto algumas famílias do caño Winikina se estabeleciam em Barrancos de Fajardo, na cidade de Barrancas del Orinoco buscando trabalho, dinheiro e consolidando Wirinoko Arao, o êxodo Warao já entrava na ‘fase Caraqueña’, ocupando as cidades de Valência e Caracas. No final da década de 80, a empresa palmeira Tiquire Flores iniciava suas ocupações no caño Janakjobaro intensificando ainda mais o processo de industrialização das terras tradicionais dos Warao. (Belik, 2022, p.121).

Rosa (2020) argumenta que a prática de coleta nos núcleos urbanos, tem associação com a tragédia da epidemia, pois:

A prática de pedir dinheiro nas ruas – talvez o principal sinal diacrítico da cultura Warao no meio urbano – ocorre de forma sistemática desde o início da década de 1990, quando, em virtude de uma epidemia de cólera que acometeu cerca de 500 Warao, um grupo de indígenas se organizou para ir até San Félix solicitar assistência governamental. (Rosa, 2020, p. 97).

Outra migração gerada pelo Warao é para a Guiana, todavia, para esse povo não existem fronteiras políticas entre estado-nações, sendo que, “Para os Warao que vivem no terreno pantanoso do Delta Amacuro, viajar de canoa entre a Venezuela e a Guiana não representa de forma alguma uma divisão entre nações”. (Belik, 2022, p. 123).

Portanto, todos esses processos geraram a mobilidade espacial para os núcleos urbanos venezuelanos e as estradas tiveram destaque pois, foi por onde a migração era/é executada no maior tempo e percursos. Quando estão territorializados nas cidades, é nas ruas onde os Warao tiveram que se adaptar as novas realidades, pois, a cada ciclo do processo de expropriação, as estratégias foram se modificando.

MIGRAÇÃO TRANSFRONTEIRIÇA PARA O BRASIL E A PASSAGEM PELO ESTADO DO ACRE

A migração para o Brasil se tornou mais um capítulo na história de movimento espacial para os indígenas Warao, mesmo sofrendo o processo de expropriação de seus territórios, mas ainda estavam em seu país, e quando a crise socioeconômica, política e humanitária “forçaram” a realizar movimento transfronteiriço, gerou novos desafios, pois é um novo território, com leis, língua e costumes diferentes.

Muitos deles já estavam fora de seus territórios originários e fixados nas cidades venezuelanas antes de realizarem a mobilidade transfronteiriça para o Brasil, “mas isso não enfraquece a hipótese de que o cruzamento da fronteira internacional tenha significado um corte, ou uma etapa mais radical, nos seus processos de deslocamento e desterritorialização”. (Xavier, 2021, p. 391).

O ano de 2014 é quando ocorreram os primeiros registros de Warao em solo brasileiro e ao passar dos anos a crise aumentou e, conseqüentemente, a emigração se intensifica naquele país. Esse cenário fez com que milhares de Warao que estavam temporariamente no estado de Roraima se deslocassem através das estradas/rodovias para outros estados da região Norte do Brasil como Amazonas, Pará, Rondônia e Acre e, posteriormente, para outros estados brasileiros.

Xavier (2021) aborda como foi o “início” da entrada dos Warao no estado de Roraima.

Conforme catalogado pelas autoridades brasileiras à época, o primeiro contingente de Waraos chegou à Roraima ainda no ano de 2014, principalmente nas cidades de Pacaraima e Boa Vista. Foi somente em 2016, contudo, que o contingente formado principalmente por mulheres adultas e anciãs, acompanhando crianças pequenas e de colo, passou a se concentrar nos semáforos do centro de Boa Vista. Sua presença foi, desde logo, notada com destaque, sobretudo em razão da vestimenta peculiar que as mulheres usavam (vestidos feitos de tecidos rústicos e com estampas floridas e em cores vivas), das peças simplórias de artesanato que ocasionalmente ofereciam à venda, e o modo aparentemente rude com que pediam e recolhiam esmolas. (Xavier, 2021, p. 389).

No ano de 2018 quando ocorreu a militarização do acolhimento devido a Operação Acolhida, com apoio da ACNUR, para os Warao, mas também dos demais patriotas venezuelanos. Houve a criação de dois abrigos no estado de Roraima, sendo um na fronteira, no município de Pacaraima, o denominado “Janokoida”, que na língua Warao significa “Casa Grande”. O outro foi na capital Boa Vista, mais precisamente no bairro Pintolândia, e nesses abrigos também eram acolhidos os venezuelanos não indígenas.

O agravamento da crise venezuelana, a lotação nos abrigos seja de indígenas ou não indígenas, a falta de oportunidades de trabalho formal; as poucas oportunidades de produzir o

artesanato e os milhares de “concorrentes” nas ruas de Roraima na disputa da coleta e doações são algumas das diversas motivações que os forçaram a seguir para os outros estados brasileiros e as rodovias são as principais ferramentas pelo baixo custo e/ou rapidez se for comparado com a via aérea ou aquática.

Segundo Santos (2019), a mobilidade Warao em território nacional segue pelas capitais que estão ligadas pelo sistema rodoviário e a região da Amazônia oriental brasileira tem um papel importante nesse “corredor” Warao, pois, Roraima é ponto de partida, através da cidade de Pacaraima na fronteira binacional e a capital Boa Vista dá suporte para seguirem para outros estados, subsequentemente, as cidades de Manaus (AM) e Belém (PA), e assim, podem seguir para as cidades da região Nordeste.

Além de se ligar ao estado de Pará, a cidade de Manaus também pode ligar por via terrestre ao estado de Rondônia, através da capital Porto Velho, e assim os Warao podem seguir viagem para a região Centro-sul brasileira, ou seguir para Oeste e chegar à Rio Branco, capital do estado do Acre. Essa dinâmica da mobilidade Warao foi se intensificando ao passar dos anos e o quantitativo de imigrantes que chegaram no estado de Roraima.

Rosa (2020) lista alguns fatores que podem determinar o tempo de permanência em alguma cidade brasileira.

O tempo de permanência em cada cidade, dentre outros fatores, está diretamente associado à capacidade de arrecadação de bens, quer seja alimentos, roupas ou dinheiro. No Brasil, quando as doações diminuem, o que ocorre em virtude da quantidade de indígenas na cidade, das ações de atendimento e abrigo por parte do Estado e também em decorrência da naturalização ou aversão à presença Warao, os indígenas se organizam para iniciar uma nova viagem. Em algumas situações, contudo, a mudança de cidade é inviabilizada pela falta de recursos para custear o novo deslocamento. (Rosa, 2020, p. 35).

Rosa e Peixoto (2022) abordam sobre a coleta, que é uma das fontes de renda dos Warao em território brasileiro e que para os indígenas não significa pedir esmola, mas sim, um tipo de trabalho, que assim podem sustentar a sua família. Segundo as autoras:

Do ponto de vista tradicional, portanto, os Warao não pedem esmolas, mas ‘coletam’ o dinheiro necessário para o sustento para suas famílias. Foi a partir dessa interpretação que, no Brasil, passou-se a adotar o termo ‘coleta’ para a definição da prática de pedir dinheiro, ainda que, entre os indígenas, a expressão não venha a ser usada. Quando indagados sobre a prática, eles respondem que ‘trabalham nas ruas’ ou que ‘pedem nas ruas’, sem, no entanto, entenderem-se como mendigos ou exercendo uma atividade depreciativa e indigna. Deve-se notar, porém, que embora os Warao compreendam o ato de pedir dinheiro por meio de categorias de pensamento próprias, a prática não corresponde a um traço cultural tradicional desse povo. **Ou seja, aquilo que, no Brasil, convencionou-**

se a chamar de ‘coletanão faz parte da cultura Warao, constituindo-se como uma estratégia encontrada diante da escassez de alimentos e recursos. (Rosa; Peixoto, 2022, p. 22, *grifo nosso*).

Sobre como é ser migrante venezuelano Warao no Brasil e a questão do trabalho, uma liderança entrevistada responde:

Lider Warao: A maioria dos venezuelanos ficam só fazendo a coleta. Eu tenho conhecimento que os indígenas aqui no Brasil não trabalham, porque não tem trabalho, só fazem a coleta. Eu sei que no Brasil tem 13 milhões de pessoas desempregadas e os venezuelanos indígenas como que vamos conseguir trabalho? Primeiro que tem de conseguir trabalho é para o brasileiro.

Pesquisador: O que precisam para que possam viver melhor no Brasil?

Lider Warao: Eu tenho que conseguir um trabalho digno, pelo meu próprio suor, sem precisar do governo, com meus filhos na escola, eu conseguir pagar meu aluguel e não precisar ir pedir nas ruas e assim poderia viver digno, porque com meu trabalho pago meu aluguel, posso deixar dinheiro no banco e assim eu estaria feliz, mas eu não tenho trabalho, moro em um abrigo, como se fosse um preso, eu não tenho benefício do governo. (Informação verbal)⁹

Podemos analisar pela fala do líder indígena, que no dia a dia das coletas e também a partir de sua mobilidade pelo Brasil que o emprego está difícil para todos, sejam brasileiros ou venezuelanos, e por conta da falta de oportunidades, a coleta é a estratégia mais utilizada por conta de recursos financeiros.

Rosa (2020) aborda essa migração em rede, que segue pelo Brasil, mas não se desligam dos amigos e parentes que ficaram na Venezuela, que assim, dependendo das condições financeiras, retornam ao país de origem para levar alimentos, rever parentes e dentre outras coisas.

Com o deslocamento para a cidade, contudo, não ocorre um desligamento da comunidade de origem, mantendo-se um movimento constante entre ambos os espaços. Apesar da distância, isso ocorre entre algumas famílias Warao que estão no Brasil, que temporariamente regressam à Venezuela, para rever ou buscar parentes, compartilhar recursos e buscar artesanato para revender em nosso país. (Rosa, 2020, p. 96).

Assim, os Warao se movimentam em rede de parentesco/amizade que é uma característica que guia as mobilidades dessa população imigrante indígena, pois, os grupos familiares que estão em determinado estado do Brasil podem se mover para o estado onde estão territorializados os demais parentes ou fazer a migração de retorno para a Venezuela, para levar suprimentos, dinheiro, comida, pois “[...] significa que a dispersão dos Warao pelo Brasil envolve viagens temporárias não só a cidades brasileiras, mas também à Venezuela, com o intuito de

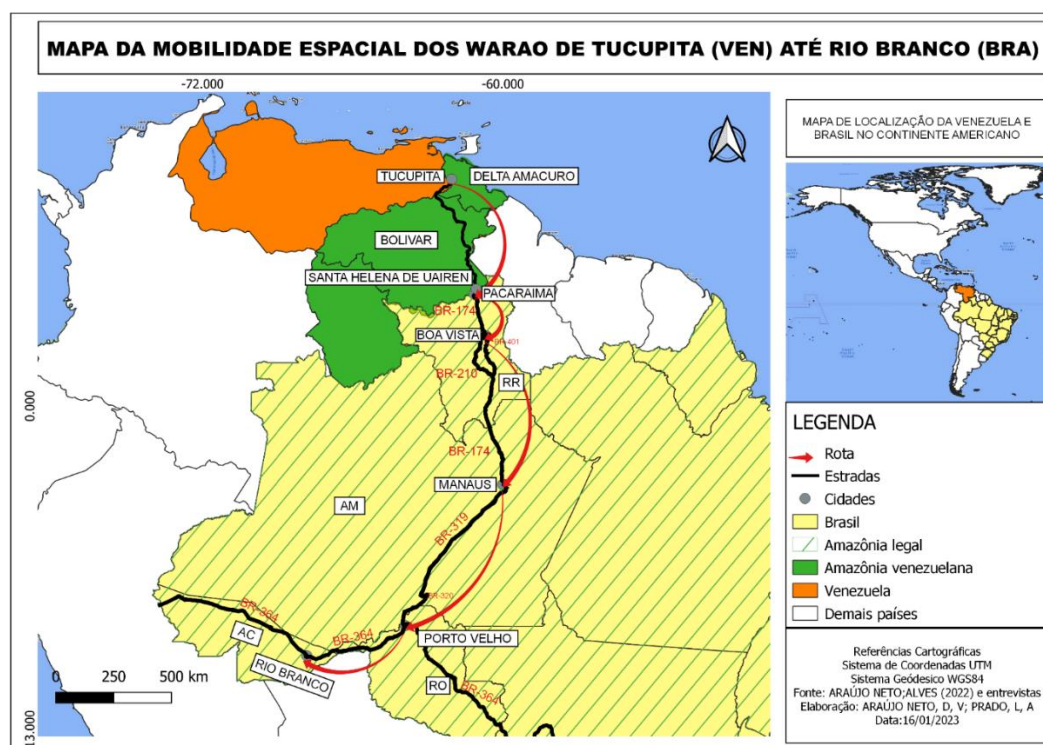
⁹ Entrevista realizada na cidade de Rio Branco (AC), no 16 de junho de 2021.

reencontrar ou buscar parentes e compartilhar recursos, além do envio de dinheiro para lá” (Belik, 2022, p. 118).

Após cinco anos dos primeiros registros oficiais de mobilidade de indígenas em território nacional, chegam no estado do Acre, na capital Rio Branco, os primeiros grupos de indígenas Warao, no segundo semestre de 2019, mais precisamente no final do mês de setembro e início do mês de outubro, há poucos meses do início da pandemia de Covid-19. A origem desse fluxo foi de Tucupita, capital do Estado de Delta Amacuro, que é localizado em bioma amazônico em território venezuelano e transpassam o limite político Brasil/Venezuela, através do estado de Roraima e segue pelas demais capitais da Amazônia ocidental brasileira para chegar à Rio Branco.

Os indígenas Warao que chegaram em Rio Branco (AC) em meados de setembro de 2019, eram formados por um grupo familiar composto de 11 pessoas. Após percorrer uma longa rota, da cidade de Tucupita, capital do estado de Delta Amacuro (VEN), transpassar o limite fronteiro venezuelano e chegam na cidade de Pacaraima (RR), primeira cidade brasileira no estado de Roraima, se deslocam até a capital Boa Vista (RR), depois se deslocaram para Manaus (AM) pela BR 319, indo até Porto Velho (RO). Outro momento foi quando seguiram pela BR 364 até chegarem à capital Rio Branco, isso em um trajeto de 3.293 Km, sendo a pé e de ônibus, durante um mês, conforme espacializado no mapa 02:

Mapa 02: Mobilidade espacial dos Warao de Tucupita (VEN) até Rio Branco (BRA)



Fonte: Org. pelos autores. (2023).

Sobre a mobilidade espacial da Venezuela até a cidade de Rio Branco e as motivações para sair do seu país, o líder indígena afirmou:

Pesquisador: Como foi o deslocamento do seu país de origem à cidade de Rio Branco?

Liderança indígena: Eu sou de Tucupita, Estado de Delta Amacuro e no ano de 2000, eu saí da minha comunidade e fui para a cidade e dentro da cidade, nunca pensamos em sair da cidade e vir para cá (Brasil) e em 2014, não tinham mais trabalho, não tinham o que comer para voltar à comunidade, não tinham comida, colheita, nada disso e por isso que muitos indígenas saíram e migraram para o Brasil. (Informação Verbal).

Pesquisador: E para outros países?

Liderança indígena: Não, somente para o Brasil.

Pesquisador: E quando o senhor saiu da Venezuela?

Liderança indígena: Eu sair da Venezuela para o Brasil em 2018 e depois voltei para a Venezuela, porque eu tinha casa, tinha televisão, e outros bens e vim para o Brasil em 14 de fevereiro de 2019, aí eu entrei para o Brasil para ficar. Eu fiquei 20 dias em Pacaraima (RR), 6 meses em Boa Vista (RR), 3 meses em Manaus (AM) e 2 dias em Porto Velho (RO).

Pesquisador: Você já tinha algum familiar aqui em Rio Branco?

Liderança indígena: Aqui já estava ela (ele aponta para sua prima) e outras famílias e semana passaram foram embora cinco famílias estavam aqui. Como eu estavam dizendo, os indígenas não ficam em um estado para sempre, por causa da cultura, vivem um mês, dois meses e vão para outro estado e assim, minha família chegaram em Brasília e, tenho um irmão que está Goiânia – Goiás. (Informação Verbal).

Segundo dados disponibilizados pela Secretaria de Assistência do governo do Estado do Acre (2022), do Conselho Indigenista Missionário (2022) e da Pastoral do Migrante (2022), foram registradas no estado do Acre a presença de 97 indígenas Warao, divididos em 22 famílias no período de setembro de 2020 a dezembro de 2022.

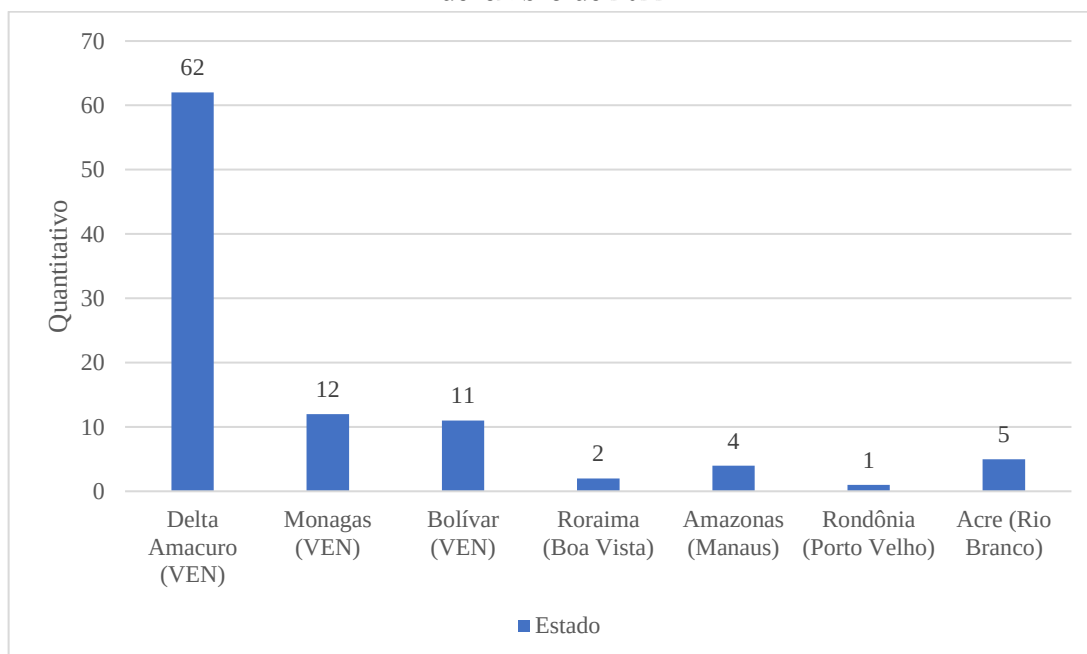
Temos no gráfico 01, o quantitativo de indígenas na cidade de Rio Branco (AC), divididos por local de nascimento.

Podemos analisar no gráfico 01, como os nascimentos dos indígenas Warao está ligado a migração e expropriação sofrida, pois quando sentem que a nova cidade não oferece as condições para sobrevivência seguem para um novo destino e ao logo do trajeto, novos cidadãos são gerados.

Sobre a resistência na cidade de Rio Branco (AC), temos que abordar a questão da moradia, pois, é um elemento fundamental para entender a questão da sobrevivência em território acreano. Dessa forma, os Warao ficaram alojados em seis pontos de acolhimento, sendo eles: 1) Casa alugada no Bairro Aviário; 2) Apartamento de preço popular no Bairro Base, 3) Prédio abandonado no bairro Base; 4) Casa alugada no bairro Base que eram mantidos pelos Warao; 5)

Escola Campos Pereira no bairro Cidade do Povo e 6) Chácara Aliança no bairro Jorge Lavocate, locais que o governo estadual disponibilizou.

Gráfico 01: Quantitativo de Warao por local de Nascimento no período de setembro de 2020 a dezembro de 2022



Fonte: Conselho Indigenista Missionário (2020); Pastoral do Migrante (2022); Acre (2022). Org. pelos autores.

Como os Warao estavam há poucos meses residindo em Rio Branco e em virtude da pandemia de Covid-19, a partir de março de 2020 foram acolhidos em abrigo governamental, pois, desde a chegada dos primeiros grupos, as entidades da sociedade civil e governamentais de Direitos Humanos estavam cobrando pelo acolhimento ou uma melhor assistência do Estado. Porém, a resposta governamental só foi executada, de forma emergencial, com financiamento do governo federal em período pandêmico, pois, até então não tinham nenhuma política para os imigrantes indígenas.

Os abrigos disponibilizados pelo governo estadual eram distantes do centro de Rio Branco, e isso gerou uma dificuldade para os Warao, pois os pontos de coletas estavam ligados a região central, local de maior fluxo de pessoas e veículos. Assim, facilitava para atingir um maior público e conseqüentemente uma maior possibilidade de obter doações financeiras.

Outro elemento a ser abordado é questão das profissões informadas pelos indígenas Warao, pois, podem nortear uma possível inserção no mercado de trabalho brasileiro e acreano. No levantamento das profissões dos Warao, 12 pessoas informaram para a Secretaria de Assistência

do Estado do Acre a sua profissão, sendo oito homens e quatro mulheres de um universo de 97 pessoas, conforme temos na tabela 01.

Tabela 01: Profissões informadas pelos Warao no estado do Acre

HOMENS		MULHERES	
PROFISSÃO	QUANTI.	PROFISSÃO	QUANTI.
Agricultor	2	Artesã	4
Chapa (carregador)	1		
Ajudante de pedreiro/Agricultor /Repositor de Hortifruti	1		
Pescador/Agricultor/Artesão	1		
Ajudante de pedreiro/Roçador	1		
Roçador/Artesão	1		
Artesão	1		
Total	8	Total	4

Fonte: Acre (2022). Org. pelos autores.

Na análise da tabela 01 todas as mulheres informaram que a sua profissão é artesã. Assim como as mulheres, os homens têm profissões que associam aos trabalhos desenvolvidos em seus territórios, e com a mobilidade para sociedade não indígena, realizam trabalho que não necessitam de formação acadêmica.

Por serem considerados “povo da canoa” e possuir essa ligação com os rios, os Warao têm a característica de serem pescadores, agricultores e também artesãos, principalmente ligado a cultura do buriti, que na região do Delta venezuelano é muito abundante, e serve como fonte de renda na confecção de artesanato, mas também, como alimento, no caso, a farinha.

Outro elemento das estratégias de obtenção de recursos financeiros, foi a inclusão em programa de transferência de renda, como o Bolsa família e segundo dados da Secretaria de Assistência Social do Estado do Acre (2022), todas as 22 famílias foram incluídas no benefício Bolsa Família, porém, somente estava disponível nos arquivos da Secretaria o registro de apenas quatro famílias, sendo que uma família composta por nove pessoas recebia R\$ 980,00; já outra família composta por duas pessoas recebia R\$ 179,00; outra com quatro componentes recebia R\$ 358,00 e a outra com três recebia R\$ 268,00.

Assim, mesmo não tendo acesso aos demais dados sobre os valores que os Warao receberam/recebem, temos uma noção dos valores recebidos e os quantitativos das famílias que foram beneficiadas, além disso, é muito importante a inserção das famílias Warao nos programas de benefícios sociais, pois, estão em condições de vulnerabilidade social e principalmente, no perfil do núcleo familiar, que é composto por crianças, idosos, gestantes.

Portanto, o Bolsa Família, assim como para os brasileiros que estão em condição de vulnerabilidade social, é fundamental para a complementação de renda dos Warao. E com todos os elementos citados, a coleta era a sua principal fonte de renda.

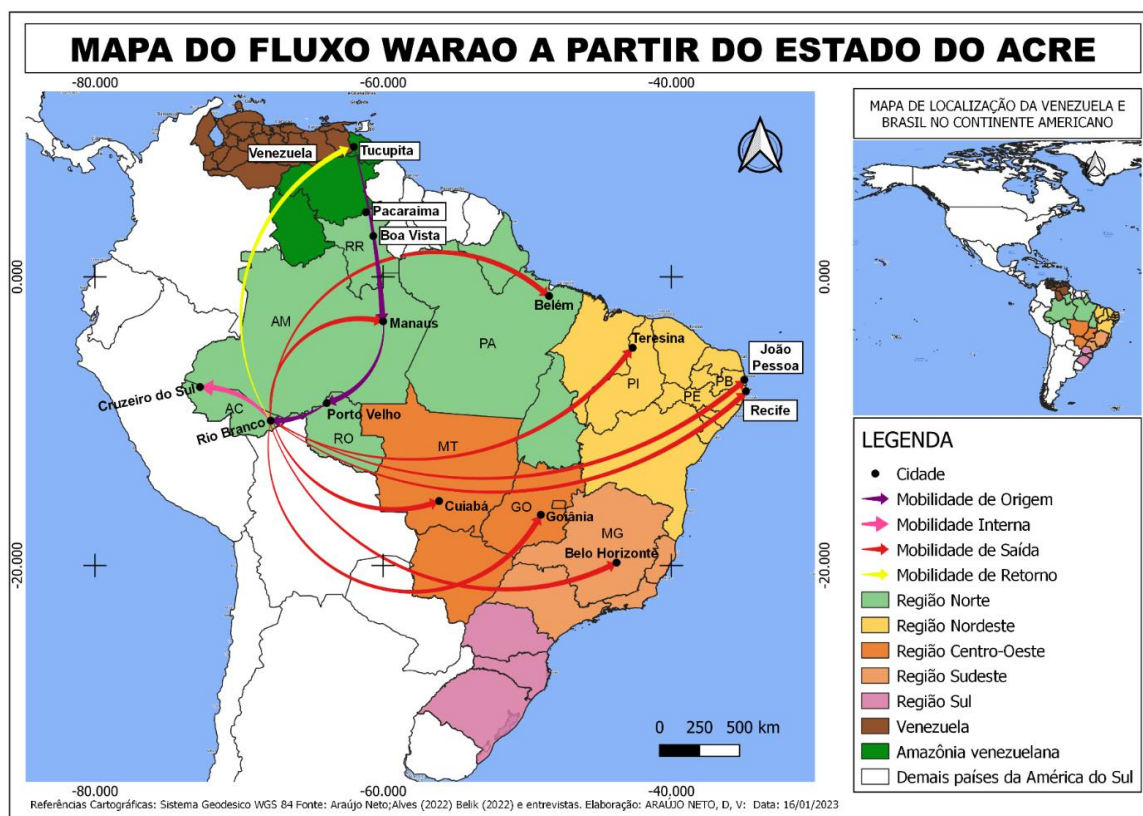
Em relação dos movimentos de entrada e saída do território acreano, segundo dados do Conselho Indigenista Missionário (2022), aborda que os Warao possuem a característica de realizar o deslocamento em núcleos familiares. Desse modo, quantificou os indígenas por família e por local de acolhimento. A partir do dia 03 de dezembro de 2019, iniciou com 14 famílias, posteriormente, chegaram mais duas famílias no registro do dia de 17 de dezembro de 2019. Esse quantitativo de 16 famílias ficou até outubro de 2020, quando chegaram mais duas famílias, totalizando 18, que ficaram em Rio Branco por nove meses. Já em julho de 2021, foi registrado a saída de duas famílias, retornando ao número de 16 no dia 05, e no dia 19 saíram mais 8 famílias dos abrigos.

Após a saída dos indígenas Warao que estavam na chácara Aliança, que é último abrigo Warao na cidade de Rio Branco, ficou somente uma família morando no aluguel social no bairro Base. Para o sustento dessa única família, o marido indígena consegue fazer suas peças de artesanato através do apoio da Pastoral do Migrante e CIMI. Além disso, recebe o Bolsa Família, faz a coleta e alguns trabalhos braçais quando aparece. Todavia, não perde o contato com os familiares que foram para outros estados do Brasil ou para Venezuela, conforme verificado em campo e em entrevistas.

Essas famílias foram embora para outros estados devido à queda dos recursos obtidos nas coletas nas ruas e avenidas de Rio Branco, bem como, a pouca oportunidade de conseguir trabalho com carteira assinada e reencontrar os demais familiares. Esse cenário laboral local é comum para os trabalhadores brasileiros e imigrantes de outras nacionalidades.

A partir das informações obtidas, podemos abordar a mobilidade dos venezuelanos Warao no estado do Acre em quatro momentos, sendo: a primeira denominada de origem, que é a rota utilizada para chegar ao estado; a segunda denominada interna, que é movimento espacial dentro do estado (que foi realizado de forma esporádica); a terceira é a de saída, que são os estados que os indígenas escolheram como destino e quarta é de retorno, quando eles se deslocam para a Venezuela. No mapa 03 temos a espacialização dessas mobilidades.

Mapa 03: Fluxo Warao a partir do Estado do Acre



Forte: Org. pelos autores.

Como podemos analisar no mapa 03, a migração é uma ferramenta de (r)existência para os Warao, pois se movimentaram para os diversos locais e as estradas possuem um papel fundamental para essas pessoas, por conta do valor do trajeto é inferior se comparado com outras vias de movimentação como o aéreo e aquaviário, mas também pode movimentar-se para diferentes localidades.

As mobilidades dos indígenas Warao que estavam em Rio Branco não podem ser separadas das rotas de outros grupos familiares que estão circulando em outros estados brasileiros, principalmente para a região Centro-Oeste, Sul, Sudeste e Nordeste brasileiro, pois, saindo para o caminho comum que é Porto Velho, podem continuar para os demais destinos nacionais ou retornar temporariamente para a Venezuela. Isso apontam autonomia nas rotas Warao que se consolidaram ao passar dos anos.

Portanto, a rede de imigrantes Warao na Amazônia Sul-ocidental está conectada com os demais estados brasileiros. E, mesmo fora de seus territórios originários e de seu país, esses imigrantes continuam sendo indígenas venezuelanos, pois, se reinventaram para tentar conseguir a sua existência nas cidades brasileiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões do artigo apontam que a migração dos indígenas venezuelanos Warao tem associação com os processos históricos, nos quais houve interferências externas que ocasionou a mobilidades e as estratégias de sobrevivência nos diversos locais, sejam internamente na Venezuela ou em outro país, como o Brasil.

Além disso, é confirmado que por causas dos interesses externos que constituiu os processos de expropriação, os “forçaram” a inserir na sociedade não indígena. Como foi analisado o recorte para a segunda metade do século XX, teve a continuidade desses processos, gerou as mobilidades dos territórios originários para os centros urbanos venezuelanos, e, posteriormente, o movimento transfronteiriço para Brasil no século XXI, os transformaram de “Povo da Canoa” para “Povo da Estrada”, através dos deslocamentos pelas rodovias e pelos movimentos pendulares nas principais ruas e avenidas quando estão territorializados nas cidades e para sobreviver utilizam práticas para existir e (r)existir.

Os Warao são fortes exemplos de como um indígena imigrante é visto na sociedade brasileira, através da xenofobia sofrida e a forma de acolhimento seja na fronteira ou em uma determinada cidade. Assim, continua necessário a força de entidades da sociedade civil para ressoar o pedido de acolhimento justo e humano para as autoridades.

Portanto, mesmo se tornando “Povo da Estrada” não deixam de lado os seus ritos, costumes, ou seja, não deixam de ser indígenas Warao, possuindo a cosmovisão ainda do “Povo da Canoa”. Porém, por questão de sobrevivência no meio urbano, tiveram que se adaptar e o exemplo mais concreto é a coleta, pois, nos territórios originários, eram a coleta de alimentos e de materiais para elaboração de instrumentos para o trabalho e que nos meios urbanos, a população associa com a mendicância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACNUR. **Atuação do Acnur junto às redes locais em apoio à população indígena Warao no sudeste e sul do Brasil: boas práticas e lições aprendidas.** São Paulo: novembro/2019 a março/2021. 2021.

ACNUR. **Relatório de atividades para populações indígenas.** Julho/2022 a setembro de 2022.

ACRE (Estado). **Informações demográficas sobre os venezuelanos indígenas Warao.** Rio Branco: Secretaria de Estado de Assistência Social, dos Direitos Humanos e de Políticas para as Mulheres. 2022.

ARAÚJO NETO, Dival Vieira de. **Migração venezuelana em tempos de pandemia de covid-19 na Amazônia Sul Ocidental: O caso dos imigrantes indígenas Warao na cidade de Rio Branco (AC).** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2023.

AYALA LAFÉE-WILBERT, Cecilia; WILBERT, Werner. **La mujer Warao: de recoleitora deltana a recoleitora urbana.** Fundación La Salle de Ciencias Naturales, Instituto Caribe de Antropología y Sociología. Caracas, 2008.

BELIK, Daniel. Circulação e conexões Warao na Amazônia Ocidental. *In: Os Warao no Brasil: diáspora, políticas e direitos indígenas.* Carlos Alberto Marinho Cirino, Carmen Lúcia Silva Lima e Jenny González Muñoz (org.), Edições UERN. Mossoró, RN, 2022.

BRASIL. Ministério Público Federal. Peça Pericial n.º 01.2017/**Antropologia/PR RR/SPBV/CRP-4.** Boa Vista: Ministério Público Federal. 2017.

CIMI. Conselho indigenista Missionário. **Censo demográfico Warao no estado do Acre.** Rio Branco (AC): [s.ed.], 2021.

ETAYO, Eduardo Frías. **El Warao en el Contexto Antillano: Ensayo Etnohistórico-Lingüístico- Arqueológico.** Dissertação (Maestría en Arqueología). Facultad de Arqueología, Centro de Estudios Avanzados, Puerto Rico y el Caribe. 2013.

GARCÍA-CASTRO, Álvaro; HEINEN, H, Dieter. Planificando el desastre ecológico: Impacto del cierre del caño Manamo para las comunidades indígenas y criollas del Delta Occidental (Delta del Orinoco, Venezuela). **Antropológica**, 91, Caracas, p. 31-56, 1999.

GARCIA-CASTRO, Álvaro. Mendicidad indígena: Los Warao Urbanos. **Boletín Antropológico** N° 48. Mérida. p. 79-90, 2000.

GASSÓN, Rafael; HEINEN, Hans Dieter. ¿Existe um Warao genérico? Cuestiones clave em la etnografía y la ecología histórica del Delta del Orinoco y el territorio Warao Loko no Paragoto. **Tipití: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America**, v. 10, n. 1, p. 3764, 2012.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo: Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ROSA, Marlise. **A mobilidade Warao no Brasil e os modos de gestão de uma população em trânsito: reflexões a partir das experiências de Manaus-AM e de Belém-PA.** 2020. 322 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro (RJ).

ROSA, Marlise; PEIXOTO, Lana. **Percepções Warao sobre trabalho: Suas Experiências, expectativas e potencialidades para inserção produtiva na região metropolitana de Belém (Pará).** ROSA, Marlise; PEIXOTO, Lana (Orgs.). – Belém: Instituto Internacional de Educação do Brasil; Agência da ONU para Refugiados, 2022.

SANTOS, José Raimundo Torres dos. **Diáspora dos Índios Warao da Venezuela**. (Dissertação) Mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Boa Vista, 2019. 95f.

VENEZUELA. Instituto Nacional de Estadística (INE). **XIV Censo Nacional de Población y Vivienda de 2011**. Gerencia general de estadísticas demográficas. Caracas: INE, 2011.

XAVIER, Fernando César Costa. Direitos indígenas para imigrantes indígenas: o caso dos Warao no Brasil. **Revista da Faculdade de Direito do Sul de Minas**, Pouso Alegre, v. 37, n. 2: p. 383-414, jul./dez. 2021

Recebido em: janeiro de 2025.

Aceito em: abril de 2025.